

Sobre a Cognição Visual*

Zelinda Maria Albuquerque Pinheiro**

“Sobre a cognição visual” é um texto vinculado ao projeto “Uma visão integrada da cognição humana: corpo/significação, cérebro, mente e linguagem”, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). De autoria de Mari e Silveira, mesclando duas áreas distintas, Letras e Medicina, e mantendo vivo o interesse pela linguagem, a leitura desta resenha nos leva a pensar na questão da interdisciplinaridade, ou melhor, na possibilidade de realização de pesquisas por vários profissionais – como é o caso do artigo em comento que traz reflexões acerca da ciência cognitiva, uma área de estudos interdisciplinares que se inter-relaciona, entre outras, com a Linguística e que busca apreender o modo como as pessoas pensam, interpretam e compreendem o mundo.

Hugo Mari possui Doutorado e Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos. Atualmente, é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas e sua atividade de pesquisa e de docência está voltada para as áreas da semântica, pragmática, cognição e análise do discurso. Já José Carlos Cavalheiro da Silveira é médico e tem Mestrado e Doutorado em Psiquiatria; é professor universitário e tem experiências nas áreas de Medicina (Psiquiatria) e Ciências Cognitivas, com ênfase em Linguística e Psicologia Cognitiva.

* MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos Cavalheiro da. Sobre a cognição visual. *Scripta*, v.14, n. 26, p. 3-26, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4347>.

** Professora no Curso de Direito do Centro Universitário Cesmac. Doutora em Letras – Linguística e Língua Portuguesa – pela PUC/Minas Gerais. Professora orientadora em projetos de Iniciação Científica e de Extensão Universitária. Advogada. Habilitação em conciliação e mediação de conflitos pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Conciliadora no Centro Judiciário de Cidadania e Solução de Conflitos (CEJUSC) do Cesmac. ORCID:

O texto “Sobre a cognição visual” traz algumas discussões acerca dos aspectos da atividade cognitiva humana, dando ênfase à cognição visual que tem ampla extensão para a aquisição do conhecimento. Para tanto, ressalta especialmente a importância assumida pela percepção e compreensão das cores compreendidas a partir de diferentes perspectivas e sob um olhar teórico e filosófico das ciências naturais e biológicas. Para fundamentar seus estudos, Mari e Silveira citam o estudo de diversos estudiosos sobre a cognição visual, com vários entendimentos, entre eles: Berkeley, Locke, Leibniz, Hume, Descartes e Kant, além de teorias específicas: de Newton, Goethe, Schopenhauer, Descartes e Müller.

Mari e Silveira iniciam o texto explicando o termo “cognição”, chamando a atenção para duas grandes orientações – com suas concepções do processo do conhecimento humano – que são, de um lado, sensação, percepção e atenção, e por outro, as formas de qualificação de cognição (visual, auditiva, olfativa etc.). A partir das considerações apresentadas, depreende-se que cada sistema de sinais se organiza conforme a peculiaridade que lhe é característica e que pode ser articulada com os órgãos emissores-receptores, ou seja, com os sentidos humanos (o visual, o tátil e o auditivo) que permitem a comunicação entre os indivíduos.

Os autores Mari e Silveira associam a ideia de sensação cognitiva à capacidade do usuário de decompor o objeto em suas qualidades simples, ou seja:

[...] destina-se uma etapa de captação primária de dados pelo organismo e está diretamente associada, de forma determinante, a um sensor privilegiado que repassa a informação para áreas diversificadas e integradas da atividade neurofisiológica do organismo o que resulta na percepção, como um estágio de elaboração do conhecimento. (MARI e SILVEIRA, 2010, p. 4).

Para os autores, essa concepção oculta a particularidade operacional de cada um dos sensores que não respondem ao mesmo tipo de estimulação externa: no caso, olfato e paladar são considerados sensores químicos, enquanto visão e audição são sensores físicos, “[...] até onde se torna possível purificar a operação de cada um dos sensores, já que todo esse processo se acha integrado ao corpo e nem sempre decorre da atuação de um único sensor.” (MARI e SILVEIRA, 2010, p. 4).

Um exemplo destacado no texto de Mari e Silveira, quanto ao aspecto da cognição humana, é o visual, uma vez que, por sua própria natureza, tem uma importância essencial para o conhecimento, se considerado o alcance perceptivo do olho ou a sua extensão congregada em vários formatos de manifestação linguística. A percepção visual atua, então, recebendo informações sob a forma de textos, imagens, cores e os seus registros acontecem pela própria complexidade do mundo perceptivo, do qual o canal visual é apenas uma parte, pois as experiências espaciais tornam-se interligadas ao sentido tátil e os dois sentidos não podem ser separados: olho e tato se abarcam mutuamente. A separação de ambos é, então, meramente cultural e obedece aos aprendizados de desenvolvimento da cultura humana que fazem sobressair o sentido visual.

Quanto à percepção cognitiva, que permite a organização e o entendimento do mundo através de estímulos recebidos de diferentes sentidos – tais como: a vista, a audição, o paladar, o cheiro e o tato –, é através dela que se passa a compreender o objeto para interpretá-lo. Isso porque a capacidade para interagir com o ambiente e o que está ao seu redor depende da percepção individual. Segundo Mari e Silveira (2010, p. 5):

A *percepção*, juntamente com a sua concorrente mais imediata – a *sensação* –, foi pauta obrigatória na discussão filosófica que aborda os princípios fundamentais da “aquisição” do conhecimento. Sob a denominação de filosofia da percepção, conheceu formulações decisivas, a partir da modernidade, e ganha destaque especial em autores como Berkeley, Locke, Leibniz, Hume, Descartes, Kant, entre outros. Em linhas gerais, essas abordagens apontaram para formas diversas de percepção, reconhecendo, em muitos casos, a importância das sensações enquanto procedimentos corpóreos movidos por sensores específicos. (grifos dos autores).

Com a leitura do texto, pode-se observar que os autores apontam que a percepção, com sua **capacidade para captar, conferir e apreender a informação que os sentidos recebem**, é um processo cognitivo que comporta a interpretação do ambiente com os estímulos recebidos através dos órgãos sensoriais. Já a atenção, como processo cognitivo, permite a concentração em um estímulo ou atividade para processá-lo mais profundamente depois, a fim de que se possa, assim, alcançar o conhecimento. A atenção é, pois, uma função cognitiva fundamental usada para a maioria das tarefas que são realizadas diariamente para o desenvolvimento de situações cotidianas.

Quanto às formas de qualificação de cognição (visual, auditiva, olfativa etc.), são orientadas por “processos para uma forma de sensação destacável e, a partir dela, é possível dispor de muitas informações capazes de recompor grande parte dos processos que efetiva o conhecimento para um determinado organismo.” (MARI e SILVEIRA, 2010, p. 3). Assim sendo, a percepção faz parte do processo cognitivo, admitindo o entendimento do mundo através da interpretação dos estímulos recebidos por vários meios, entre eles a percepção visual.

No texto em epígrafe são apontados os desafios de construção de teorias da cognição visual, considerando os aspectos do seu funcionamento e a capacidade de interpretar a informação que os olhos recebem; um processo que começa nos olhos:

A percepção visual (ou o *actus sensus visus*, de S. Tomás), um dos estágios que compreende a cognição visual, representou, não obstante sua importância para o organismo humano, um desafio para a construção de teorias. Somente com a fisiologia/psicologia experimental, em meados do século XIX, houve uma aproximação mais decisiva entre a percepção visual e os processos neurofisiológicos de absorção da informação pelo organismo, embora a preocupação com a percepção e com a estruturação das cores já representasse uma reflexão constante. Autores como Newton, Schopenhauer, Helmholtz, Young e Hering foram pioneiros nesse empreendimento, ainda que em função de padrões diferentes. (MARI e SILVEIRA, 2010, p. 7-8).

Concomitantemente, os autores alertam para os problemas em relação às formas de estímulo visual – tais como cor, movimento e forma – que ainda não foram devidamente explicadas, especialmente quando são vistas a partir de certa integração. É interessante observar que diferentes áreas do cérebro, assim como diversas formas de processos de percepção, são responsáveis por funções visuais específicas, entre elas a percepção de movimento, cor e profundidade. O que se percebe, também, é que a visão fornece informações sobre o ambiente sem obrigação de proximidade, como no caso de sabor, toque ou odor.

Com o estudo das teorias citadas no texto, Mari e Silveira deduzem que o processo de percepção das cores está baseado em mecanismos pertencentes à organização do olho humano,

que é representada por componentes e pelas suas especificidades funcionais, pelo processo de apreensão e de processamento da informação, por áreas cerebrais centrais e periféricas, com suas repercussões para o conhecimento humano.

No caso da linguagem, com sua capacidade de expressar sentimentos através da palavra, trata-se de uma ferramenta utilizada para comunicar, organizando e transmitindo informações, sendo o ouvido:

[...] o responsável pelo recorte do contínuo da corrente sonora produzida por alguém quando fala: só com a partição desse contínuo em unidades léxico-gramaticais – uma operação que o nosso ouvido é capaz de realizar com eficácia, em se tratando dos sons produzidos por um falante do português, por exemplo – é possível para os falantes de uma língua qualquer se entenderem minimamente. Por outro lado, o olho é o sensor mais econômico, de maior amplitude, seja em termos da quantidade de informação que capta comparativamente em uma fração do tempo, seja em termos de esforço do organismo: em um centésimo de segundo, em um abrir de olhos, vemos infinitamente muito mais coisas do que somos capazes de ouvir no mesmo intervalo de tempo. Apercepção auditiva dos objetos de referência constantes de uma canção requer um tempo infinitamente superior àquele que o olho gastaria para detectar [objetos] no cenário panorâmico de uma cidade. Quando observamos um objeto qualquer, vemo-lo integrado a um sistema complexo de objetos multifacetados na forma, nas cores, no tamanho, na localização espacial. (MARI e SILVEIRA, 2010, p. 7).

Ainda deve-se atentar ao fato de que há uma diferença essencial entre o canal visual e o acústico: o primeiro pode optar e selecionar a informação, ou melhor, pode eliminá-la de seu campo de amostragem; já o segundo é obrigado a perceber em simultaneidade várias sequências.

Com a leitura do texto “Sobre a cognição visual”, depreende-se, ainda, que os autores Mari e Silveira, citando Berkeley (1984), reconhecem diferentes níveis na construção do conhecimento humano, com seus aspectos visuais intervindo, de forma direta ou indireta, na sua aquisição, ressaltando três formas de conhecimento que são:

1. Derivadas de qualquer impressão nos sentidos – visão, tato, olfato, paladar, audição;
2. Apreciadas pelas intervenções mentais – paixões e operações do espírito;
3. Recompostas pela memória e imaginação.

Ou seja, a cognição é a habilidade que se tem para assimilar e processar as informações que se recebe de diferentes fontes (percepção, experiências), a fim de que sejam convertidas em conhecimento. Assim, enquanto processo ou faculdade de adquirir um conhecimento, a cognição inclui diferentes processos cognitivos, como a aprendizagem, atenção, memória e linguagem, as quais fazem parte do desenvolvimento intelectual e experiências.

Outro fato que chama a atenção, com a leitura do texto de Mari e Silveira, é que, apesar de escrito por autores de duas áreas diferentes, a objetividade e a clareza da linguagem facilitam o entendimento acerca do processo cognitivo. Assim, ao colocar para discussão a integração entre diferentes áreas, os autores geram reflexões acerca da importância da interdisciplinaridade (já que ela é da natureza dos estudos linguísticos) entre a linguagem (que é multiforme e heterogênea) e outros campos do conhecimento. Nessa perspectiva, estabelecer pontes entre disciplinas pode trazer profundas contribuições aos estudos sobre a cognição humana.

Além do mais, a leitura de “Sobre a cognição visual” possibilita um lugar propício para entender os caminhos de estudos sobre a cognição humana, seja porque é motivo de discussão com perspectivas diversas, seja porque é um texto atual que deve ser indicado não apenas para alunos e profissionais que atuam na área de Letras, mas, também, para as demais áreas do conhecimento. E, ao contrário do que se poderia imaginar, depreende-se que, apesar da sua importância, os estudos sobre a cognição humana ainda são escassos e necessitam de mais pesquisas. Em adição, o texto em epígrafe discute, com muita pertinência, potencialidades e desafios sobre a cognição visual e cada uma das suas funções, com seu trabalho conjunto para integrar novos conhecimentos e criar uma interpretação das coisas.

Recebido em: 09/01/2022 // Aceito em: 07/10/2022.